



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDIGENAS

Luzionira de Sousa Lopes

LOAS E VERSOS XAKRIABÁ:
TRADIÇÃO E ORALIDADE

Belo Horizonte 2016

Luzionira de Sousa Lopes

LOAS E VERSOS XAKRIABÁ:
TRADIÇÃO E ORALIDADE

Percurso Acadêmico do curso de formação Intercultural para Educadores Indígenas da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. (FIEI/FAE/UFMG) como requisito parcial para obtenção de grau de licenciado em Línguas, Artes e Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Josiley Francisco de Souza.

Belo Horizonte, 2016

L8641 Lopes, Luzionira de Sousa
Loas e versos Xakriabá: tradição e oralidade / Luzionira de Sousa.

Orientador: Prof. Dr. Josiley Francisco de Souza
Monografia Licenciatura em Línguas, Artes e Literatura, da Formação Intercultural para Educadores Indígenas da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

1. Loas. 2. Versos. 3. Xakriabá. 4. Tradição. 5. Oralidade. I. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. II. Josiley Francisco de Souza. III. Título.

Revisão/Formatação/Preparação do original Gustavo Tanus (Bolsista de Línguas, Artes e Literatura pelo Programa de Incentivo à Formação Docente FIEI/FaE/UFMG).

Dedico este trabalho para meu esposo que amo muito Elzio, meus pais, irmãos, sogros, cunhados, sobrinhos, especialmente para a luz da minha vida, e para o povo Xakriabá.

Agradecimentos

Agradeço primeiro a Deus
Por ter chegado até aqui
Com força e muita garra
Sem pensar em desistir.

Agradeço meu esposo
Dele não posso esquecer
Meu companheiro de luta
Que me ajudou a vencer.

De forma especial
Não posso deixar de falar
Do meu pequeno tesouro
Que breve vai chegar
Trazendo muita alegria
Pra essa vitória coroar.

Ariantã pai, mãe
Ariantã toda família
Ariantã Xakriabá
Somos oytomorim que brilha.

Obrigado os caciques
E também as lideranças
Obrigado aos mais velhos
Obrigada as crianças

Não queria citar nomes
Mas não posso deixar de falar
De todos os que me ajudaram
Da etnia Xakriabá.

Agradeço cacique Domingos
Padrim Antônio, João de neném e Bidá
Que assinaram as declarações
Pra eu fazer o vestibular.

Pra ampliar os conhecimentos
Das aldeias em qual quer lugar
Com educação de qualidade
Pro ensino melhorar
Essa é uma grande conquista
Temos que comemorar.

Agradeço seu Valdim, e Silvino
João de Jovina e seu Valdemar
Que nunca mediram esforços
Para nos acompanhar.

Obrigado Julio Cesar
Miranda e Jair
Obrigado nossos amigos
Antonio e Cidim
Todos os colegas
Que passaram por aqui.

Obrigado os professores
Exemplos a ser seguido
Peço que me desculpe
Se de alguém tiver esquecido.

Também tem os bolsistas
Todos são importantes
Durante esses quatro anos
Ajudou-nos todo instante.

Meus agradecimentos sinceros
Para o Gustavo Tanus
Que sem medir esforços
Sempre nos ajudando.

Ariantan chatarí Gorete
Que sempre nos incentivou
Valorizar nossa língua
Nos deu carinho e amor.

Obrigado Shirley, Charles e Vanessa
Ana Gomes, Amarílis e Rodrigo
Professor e homem das bolsas
Mas também grande amigo.

Agradeço Carlos, Gil e Marcos
Lucinha, Arlei e Luciana
Não dá para esquecer
De tanta gente bacana.

O grande artista Wellington
Uma voz que não se cala
Muito nos alegrou
Com o belo espaço Mandala.

Também professor Josiley
Que muito se esforçou
Tirando minhas dúvidas
Muito bem me orientou.

Ariantã Xakriabá e Guarani
Ariantã Pankararu e Pataxó
Somos de etnias diferentes
Mas nossa luta é uma só
Busca conhecimento
Pra torna a vida na aldeia melhor.

Resumo

Neste trabalho venho falar sobre Loas e ressaltar a importância que as Loas têm na cultura Xakriabá, uma marca registrada das festas de casamento, mostrando um pouco desta grande riqueza que muitas vezes passa despercebida. Foram realizadas várias entrevistas com jogadores de Loas, também gravações em áudio e transcrições. Além disso, fiz observações nas festas de casamentos e nas rodas de conversas. Minha pesquisa destaca também os versos, uma forma simples do povo Xakriabá expressar seus sentimentos com muita facilidade, um povo que fala pouco, mas saboreia as palavras, transformando momentos amargos em doces poemas, uma carícia aos nossos ouvidos, um jeito próprio que se faz presença garantida nos textos Xakriabá.

Palavras-chave: Xakriabá; Loas; Poesia; Oralidade.

Sumário

1. Meus amigos peço licença	10
2. O povo xakriabá	12
3. O que são Loas?.....	15
4. O casamento e o momento em que são jogadas as Loas.....	22
5. Considerações Finais: Viva ou num viva? Viva!.....	25
Referências	29
6 [Os jogadores de Loas]	30
7. Antologia das Loas	31
Loa de seu Zé do rolo	31
Loa de Sr. Hilário.....	37
Loas de Sr. Dário	40
Loa de Chiquim de Benedito	43
Loas de Sr. Pedro.....	45
Poema de Domingos Gomes de Oliveira	50
Loa do Sr. Delino.....	51
Loa de Célia Xakriabá	53
8. Anexo: Entrevistas.....	56
Dona Joana, Peruaçu.....	56
Sr. Adelino, Itacarambuzinho.....	56
Sr. Hilário, Barreiro Preto.....	57
Sr. José de Sousa Freire, aldeia Barreiro Preto	59
Sr. Pedro Pereira da Mota, aldeia Dizimeiro.....	59
Sr. Dario Fernandes Ribeiro, aldeia Barreiro Preto	60
Célia Xakriabá, aldeia Barreiro Preto	61

1. Meus amigos peço licença¹

Meu nome é Luzionira de Sousa Lopes, mas sou conhecida por Luza. Nasci na comunidade Barra do Sumaré, na época, município de Manga. Até os seis anos morei na aldeia Barra do Sumaré, município de Itacarambi. Tenho muitas lembranças da minha infância, me lembro das brincadeiras com meus primos, da primeira vez em que fui para a escola, tinha nove anos.

Lembro-me também da luta em 1986. As lembranças dessa época são muito tristes, de muita violência, tem um fato que aconteceu que eu não esqueço. No dia do assassinato de Rosalino, eu e minha mãe e a minha irmã, na época com um ano e meio, fomos para casa do meu avô, em um lugar da estrada chamado de Furado. Começamos a ouvir barulho de cavaleiros, e eu e minha mãe corremos para dentro do mato. Lembro-me como hoje, tinha umas moitas de uma árvore chamada catinga de porco, nos escondemos nessas moitas e vimos alguns homens montados a cavalo armados com espingardas. Ficamos quietinhas, mas a minha irmã era bebê e ficava balbuciando, fazendo barulho. Ficamos com muito medo de ser vistas, então minha mãe pegou uma vasilhinha de paçoca que ia levando e colocava paçoca na boca da minha irmã para ela ficar calada, com medo de que ela chorasse. A partir desse dia, não voltamos mais para nossa casa na aldeia. Esta é a primeira vez que estou falando sobre este momento que vivemos, foi no dia 12 de fevereiro de 1987, mas tudo está na minha memória.

Foi então que eu e minha família fomos morar com as avós paternos que moravam próximo, mas fora do território Xakriabá. É neste mesmo lugar que meus pais moram até hoje, na época eu não entendia o que estava acontecendo, sofremos muito, passamos necessidades, vi casas sendo derrubadas, só há poucos anos fui entender o que aconteceu.

No ano de 1989, no mês de junho, foi criada a escola na comunidade Barra do Sumaré. Comecei a estudar, rapidamente aprendi a ler e escrever, sempre fui uma boa aluna, o que despertava os ciúmes dos colegas, nas aulas dava o melhor de mim, e não levava trabalho sem fazer.

Quando terminei a terceira série, já que não tinha a quarta série, fiquei um ano sem estudar. No ano de 1995, foi criada a quarta série na comunidade Itacarambizinho, onde estudei um ano. Fiquei mais dois anos parada, em 1998 fui estudar a quinta série na comunidade de Virgínio, no município de Miravânia. Em 2001, terminei o ensino fundamental, em 2004 terminei o ensino médio, em janeiro de 2005 me casei e voltei a morar dentro do território Xakriabá.

¹ Esta é uma expressão usada para começar a jogar Loas.

Em 2011, fiz o vestibular para o FIEI e passei. Para mim foi um sonho, pois sempre gostei de estudar, me lembro que sempre falava que queria ser professora. Quando terminei o ensino fundamental, um dos professores falou que pra ser professor tinha que fazer curso superior, eu cheguei a pensar que não fosse conseguir, pois não tinha dinheiro para pagar a faculdade.

No início do curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas (FIEI), os professores falaram que teríamos que desenvolver uma pesquisa no decorrer do curso e apresentá-la no final. Não tive dúvidas sobre o tema da minha pesquisa.

O meu trabalho destaca as *Loas e os versos*, a importância que as Loas têm nos casamentos, e a importância dos versos na tradição Xakriabá, uma marca muito forte presente na nossa cultura. O que me motivou a pesquisar as Loas e os versos Xakriabá foi por gostar de escrever e ler versos, poemas, poesias e admirar as Loas que são jogadas nos casamentos Xakriabá.

Foi uma pesquisa muito prazerosa de se fazer, eu me envolvia nos versos, nas rimas e nas histórias das pessoas com que tive a honra e o privilégio da conversar. Gostar de poesia facilitou o meu trabalho, por estar fazendo o que gosto. Ainda criança, já tinha o interesse por poesias, procurava livros de poesia para ler, tinha cadernos de versos, já escrevia poemas.

Até o início da minha pesquisa eu não conhecia a parte técnica da poesia. O livro *Contando histórias em versos*, de Bráulio Tavares, me auxiliou no meu trabalho e ampliou o meu olhar de poeta apontando caminhos a ser trilhados.

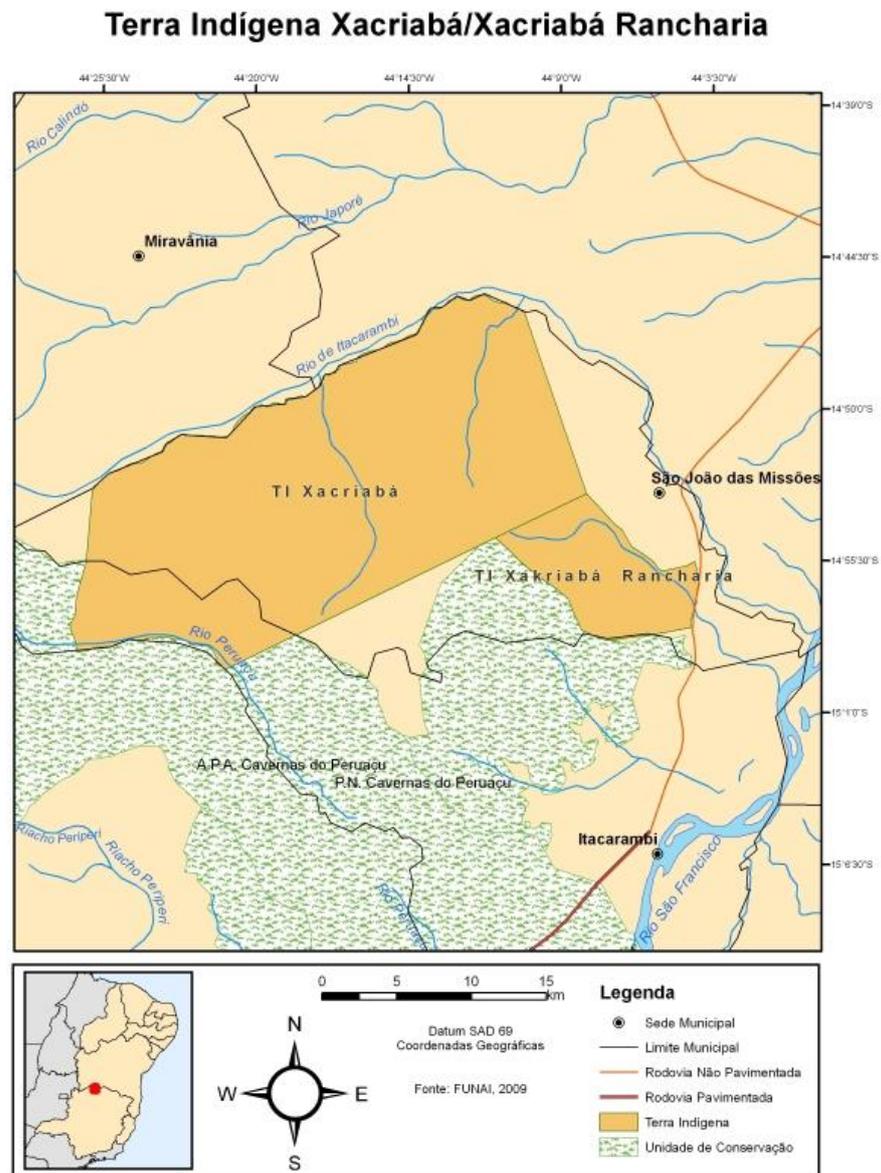
Fazer um curso superior para mim era um sonho que eu imaginava impossível, ainda sendo uma das melhores universidades do Brasil. Sinto-me muito importante por estar me formado pela UFMG, sou professora na minha comunidade, procuro sempre dar o melhor de mim no meus estudos e no meu trabalho, participando e ajudando em todos os movimentos da comunidade, respeitando o jeito de ser de cada um.

Hoje me sinto realizada, mas não pretendo parar por aqui, sei que tenho potencial para ir além, tenho este objetivo de buscar novos desafios.

2. O povo xakriabá

*Somos do norte de Minas
Do povo xakriabá
Quer saber mais deste povo
Vou lhes apresentar.*

A terra indígena Xakriabá localiza-se no município de São João das Missões, no norte de Minas Gerais, às margens do rio São Francisco, onde existem pequenos rios temporários e alguns permanentes.



O documento de doação do território Xakriabá é de 1728, a área total que está nos documentos é de 200.000 hectares. Na primeira demarcação, em 1979, o território foi reduzido cerca de 70% da sua área total, a homologação só aconteceu em 1988, após uma invasão em que três índios Xakriabá foram assassinados, entre eles o líder Rosalino Gomes de Oliveira, que foi morto a tiros na frente de sua esposa Anisia e de seus filhos, dentre eles o atual cacique Domingos Gomes de Oliveira. Rosalino era conhecido pelos Xakriabá por Roso, ele foi morto pela sua luta para o reconhecimento do território Xakriabá. Após a morte de Rosalino, o território foi reconhecido e a luta continuou tendo como líder o cacique Manoel Gomes Oliveira, conhecido como Rodrigão, foram anos de muito sofrimento e muita luta do povo Xakriabá.

Em 2003, aconteceu uma ampliação do território, com a homologação da terra indígena Rancharia. Atualmente o território Xakriabá é de aproximadamente 54.000 hectares, a luta pela retomada do território continua. Em setembro de 2013, foi feita mais uma retomada de 6.000 hectares. A presidenta Dilma Rousseff já assinou o relatório, mas essa área ainda não está totalmente regularizada. Quem não conhece a história fala que os indígenas estão querendo roubar as fazendas, quando na verdade só queremos de volta o que é nosso por direito.

A população Xakriabá é a maior de Minas Gerais, segundo o cacique Domingos Nunes de Oliveira é de aproximadamente 10.500 indígenas, distribuídos em 34 aldeias. O clima no território Xakriabá é quente durante todo ano, a estação chuvosa compreende os meses de outubro a março, porém nos últimos anos o índice de chuva tem diminuído, com grandes períodos de seca.

O solo é cheio de contrastes em toda sua extensão, a vegetação predominante é o cerrado, com árvores como pequi, cagaita, tingui, aroeira, juá, jurema, braúna e outras. A maior parte da vegetação é nativa, constituída por mata seca e a vereda, estas áreas são usadas para coleta de frutos, tais como pequi, buriti, coquinho, cagaita, cabeça de negro, maracujá e xixá.

Os animais mais comuns são veado, cutia, tatu, onça, coelho, raposa, tamanduá, gambá. Os pássaros mais conhecidos são pássaro preto, alma de gato, anúm preto, anúm branco, jandaia, juriti, lambu, codorna, João-de-Barro, siriema, bem-te-vi, sofrer, gavião etc.

O povo Xakriabá não fala a sua língua originária, fala o português, mas com um sotaque bem específico. A língua Xakriabá é o *akwen* da família jê, do tronco linguístico macro jê. Estudos estão sendo feitos para a revitalização da língua Xakriabá. O povo Xakriabá sofre muito preconceito por não falar sua língua de origem, não é levado em consideração toda violência sofrida pelos nossos antepassados, e o contato com outros povos não índios. O povo Xakriabá

não deixou de falar sua língua por vontade própria, mas porque foram obrigados, como mostra o texto de introdução do livro *Sobre a literatura Xakriabá*:

Os velhos contam que os brancos proibiram meu povo Xakriabá de falarem o idioma... Eles não queriam que os índios falassem na língua porque eles não entendiam... Tinham medo que os índios planejassem alguma coisa contra eles, fizessem combinação falando na língua... Por isso eles forçaram os índios a falarem só o português. Se falassem na língua – ou praticasse a religião – apanhava... Ou até morria! (NUNES XACRIABÁ, s/d citado por SILVEIRA, 2005).

A língua originária dos Xakriabá é do mesmo tronco linguístico das línguas dos povos Xavante e Xerente. Vem sendo feito um intercâmbio entre Xakriabá e Xerente: uma família Xakriabá foi morar e estudar com o povo Xerente para ajudar na revitalização da língua. Já estão lá há cinco anos estudando a melhor maneira para fazer esse trabalho de retomada da língua *akwen*, esse tem sido um projeto e um sonho do povo Xakriabá.

O povo Xakriabá não sobrevive mais da caça e pesca, pois muitos animais estão em extinção, e muitos rios estão secos, a população aumentou, houve muito desmatamento, queimadas, plantação de pastagem para criação de gado.

A maioria das famílias tira o seu sustento do trabalho na roça, plantam feijão, milho, fava, andu, mandioca, feijão catador. Nos últimos anos, a seca tem castigado a região e as lavouras não têm produzido muitas famílias que sobrevivem da agricultura passam por dificuldades, tendo como renda apenas os benefícios sociais do governo.

Muitos homens deixam suas famílias vão trabalhar no sul de Minas Gerais e em outros estados, como São Paulo, Mato Grosso do Sul e Goiás, no corte de cana-de-açúcar, colheita de laranjas e café.

Muitas pessoas das aldeias são servidores públicos estadual e municipal, como professores, auxiliares de limpeza, diretores, técnicos de enfermagens, agentes de saúde e saneamento, motoristas e aposentados. Os lavradores aposentam a partir dos 55 anos, quando mulheres, e 60 anos, quando homens.

Dentro do território existe um jeito próprio de as lideranças e caciques resolverem os conflitos internos, cada aldeia tem uma liderança, quando necessário se reúnem para tomar as decisões, visando o melhor para a comunidade. São essas lideranças que fazem frente nas lutas pelos direitos e melhorias nas aldeias.

3. O que são Loas?

*Loa é um ritual
Trás muito ensinamento
Loa é grande riqueza
Da festa de casamento.*

Loas são versos falados nos casamentos Xakriabá, é uma prática exclusiva, uma marca do casamento tradicional Xakriabá. É um momento de celebração, é uma forma diferente de alegrar os momentos festivos do casamento.

Loas significa versos, né? Uns fala talvez poemas, né? A Loa traga um sentido de fala algo rimado, né? Rima, Loas, versos mais ou menos por aí, né? Mas nós adotou mesmo essa palavra Loa. (Sr. Hilário Correa).

Para o Sr. Pedro, “as Loas é uma forma de agradecimentos, se após o jantar não tiver Loas fica sem graça.” O Sr. José de Souza fala que “Loa é uma saudação à festa e aos noivos e toda as pessoas presentes.”

Um dos mais importantes pesquisadores da tradição oral do Brasil, Luiz da Câmara Cascudo, informa, no *Dicionário do folclore brasileiro*, que “loa é verso de louvor, louvação em versos improvisados ou não.” (CASCUDO 1984).

Todas as pessoas com quem eu tive a oportunidade de conversar faziam questão de destacar a importância das Loas na cultura Xakriabá, e todos reforçavam que não podemos deixar de jogar Loas, essa tradição tem que continuar. Dava pra ver a emoção delas em falar das Loas. As pessoas entrevistadas acreditam que pesquisas como esta contribuem e ajudam a valorizar essa prática, e que talvez as pessoas deixem de falar as Loas porque não entendem o valor que isso tem na cultura tradicional, “esse é um costume antigo que é transmitido de geração em geração.” (Sr. Dario Fernandes Ribeiro).

No meu trabalho, eu tive a honra de reunir três gerações de uma família de jogadores de Loas: o Sr. Zé do Rolo, seu genro Sr. Hilário e sua neta Célia Xakriabá. Existem outras famílias que também vem repassando esse costume, foi possível perceber que na família que joga Loa sempre tem mais de uma pessoa que joga Loas. Com isso, é possível perceber que a prática de jogar Loas é transmitida de geração em geração pela tradição oral.

A tradição oral apresenta um movimento constante, em que suas expressões não ficam restritas a um único território, existem apropriações, transcrições, mas com características próprias. As Loas são versos, o diferencial está no sentido e no significado que elas têm no casamento, a loa, como já disse, é um elemento do casamento tradicional Xakriabá.

O Sr. José de Rolo, por exemplo, joga uma Loa que conta uma história em que os bichos falam.

Quando o bode era doutor
O cachorro, advogado
Andava tudo direito
O mundo bem governado.
A justiça, muito reta
Ninguém vivia enganada.

O leão sempre foi rei
Casada com uma leoa
Jacaré era secretario
Onça, grande pessoa
Mestre sapo era professor
Na beira de uma lagoa.

Esta Loa é semelhante ao poema “A festa do coelho”, apresentado por Glicélio Gavião, do município de Rubim, no Vale do Jequitinhonha, publicado no livro *No tempo em que os bichos falavam*:

Quando o bode era doutor
E o cachorro, advogado,
Andava tudo direito,
O mundo, bem governado.
A justiça, muito reta,
Ninguém vivia enganado.

O leão sempre foi rei,
Casado com a leoa.
Jacaré era secretário,
Onça, uma grande pessoa.
Mestre sapo, professor,
Dava escola na lagoa. (QUEIROZ, 2009, p. 55).

Com esse exemplo, podemos observar o trânsito dos textos que na tradição oral estão sempre em movimento, conforme observa Paul Zumthor:

No interior de um mesmo texto, no curso de sua transmissão, e de um a outro texto, observamos interferências, retomadas, repetições provavelmente alusivas: todos os fatores de intercâmbio, que dão a impressão de uma circulação de elementos textuais migratórios, a todo instante combinando-se com outros, em composições provisórias. O que faz a “unidade” do texto (se aceitarmos essa idéia) pertence à ordem dos movimentos, mais que à das proporções e das medidas: perceber essa unidade na performance é, mais que constatar uma organicidade necessária do texto, identificá-lo entre suas possíveis variantes. (ZUMTHOR, 1997, p. 258).

Conforme foi dito, o que faz um verso ser uma Loa é o contexto, a Loa só é falada nos casamentos, como destaca Sr. Pedro, da aldeia Dizimero: “as minhas mesmo eu gosto de falá

mais nos casamentos, porque é mais um agradecimento, se quiser falá num oto lugá, pode fala, mas o normal mesmo e no casamento.”

Se o mesmo poema ou verso forem recitados em outro momento que não seja o casamento, este será apenas um poema. Mas se for numa mesa de noivado então será uma Loa. Quando se fala em Loa, nosso pensamento automaticamente se volta para o casamento, para a mesa de noivos. “De certa forma, a loa é também um ritual do casamento.” (Célia Xakriabá)

Em algumas comunidades vizinhas, fora da reserva indígena Xakriabá, também existem Loas nos casamentos, não fiz uma pesquisa mais ampla, estou registrando e apontando caminho para pesquisas futuras. Todas as pessoas com quem conversei, afirmaram que as Loas são exclusivas, que uma pessoa não pode falar a Loa do outro. Embora exista o trânsito presente na tradição oral, conforme observamos anteriormente, cada jogador de Loas tem suas próprias Loas. Assim, um jogador de Loas não joga as Loas de outro.

Observa-se um respeito e uma ética entre os jogadores de Loas, como destaca os entrevistados:

Só que assim a gente não grava de ninguém, não. As minha mesmo eu num é gravada de ninguém, a gente mesmo que vai inventano. Vai que cê grava de ota pessoa, aí cê chega num lugá que ela já tá jogano, aí cê num pode jogá. Meu irmão joga Loa, aí nem eu gravo as dele, nem ele grava as minhas. A coisa mais difiçu é encontrar Loa, cada um tem a sua. (Pedro Pereira Mota).

Falá o que os otos fala num dá certo, né? Inton, a gente tem que pensá na cabeça da gente u'a coisa que pode dá certo, a gente num podia pruveitá nem os versos dos antigos porque era diferente o jeito deles falá. (Dario Fernandes Ribeiro).

Eu não copio a loa falada por vô, por exemplo. Eu não reproduzo a loa que é falada por vô, eu reproduzo uma própria linguagem minha. (Célia Xakriabá).

Alguns já têm suas Loas prontas, outros inventam na hora, e ainda existem aqueles que têm sua Loa e que sofre mudanças em momentos diferentes. Assim, o jogador de Loa pega sua Loa e vai acrescentando elementos daquele contexto, fazendo uma transcrição. Desse modo, as Loas são renovadas a cada vez que são jogadas, esse movimento é muito importante e exige muita concentração e agilidade do jogador.

A Loa é jogada de forma que vai desafiando outros jogadores de Loas a jogar, de forma bem inteligente vai obrigando o outro a dar uma resposta, isso é chamado de *arremato*, em que um jogador tenta jogar uma Loa mais bonita para superar a que foi jogada.

Os jogadores de Loas falaram que é mais fácil relembrar as Loas nas festas, que, enquanto um vai falando, o outro já vai se preparando. É como se uma Loa fosse puxando a outra, o clima da festa dá uma empolgação, até o tom de voz é diferente, apresenta mais entusiasmo.

Sr. Adelino falou que antigamente acontecia até discussões em forma de Loas, um sutacava o outro,² como no exemplo em que Luiz era casado com rosa, mas rosa o deixou por causa de José. Os três se encontraram numa festa e José ficou com ciúmes e jogou esta Loa:

Araraquara tá chegando agora
Um caboclo risurvido
Tomando sole pela cara
Serenos pelos ouvidos
Sua mulher já tá nos braços de outro
E você fica lambendo imbirã.

Luiz respondeu:
Cravo branco na cabeça
Todo mundo quer cherá
Quem é dono num ciúma
Quem num é quer ciúamá.

Sr. Adelino conta que as tragédias também eram transformadas em Loas, como a Loa de Francilino e Damião, dois homens valentes que se encontraram no festejo de São João, brigaram e acabaram morrendo. Esta Loa se encontra neste trabalho.

A Loa é uma prática da oralidade, são pessoas que não sabem ler nem escrever, mas sabem fazer versos rimados. Apesar de a maioria dos jogadores de Loas não dominarem a escrita, podemos observar uma técnica na composição dos versos. Nas Loas Xakriabá há a presença frequente de versos de sete sílabas ou redondilha maior. É interessante observar que esta métrica é explorada de forma recorrente na poesia de tradição oral (e não apenas nessa tradição), como observa Bráulio Tavares:

Assim como a “quadrinha” é o tipo de estrofe mais comum, o verso de sete sílabas está presente onde quer que a gente procure: na poesia erudita, na poesia de cordel, na marcha de carnaval, na letra de *rock*, no *rap*, na cantiga de roda, no folgado folclórico, na canção de MPB. [...]

É o verso que um ouvido brasileiro reconhece com mais facilidade, e é o verso em que se baseia a imensa maioria dos poemas que compõem o Romancero Popular do Nordeste. (TAVARES, 2005, p. 55.)

Os jogadores de Loas não têm consciência desta técnica de composição poética, fazem isso naturalmente. Abaixo apresentamos trechos de algumas Loas em que prevalecem versos com a redondilha maior, embora ocorram variações.

Sa/ú/do / nos/sos / vi/si/tan/tes	[8 sílabas]
Que / vê/io / nos / vi/si/tá	[7 sílabas]
A/gra/de/cen/do / à / Deus	[7 sílabas]
Em / pri/mei/ro / lu/gá.	[6 sílabas]

² Sutacar: provocar, insultar.

Quan/do-o/ bo/de-e/ra /dou/tor	[7 sílabas]
E o /Ca/cho/rro /ade/vo/ga/do	[7 sílabas]
An/da/va/ tu/do/ di/rei/to	[7 sílabas]
O/ mun/do /bem/ go/vêr/na/do	[7 sílabas]
A/ jus/ti/ça/ mui/to /re/ta	[7 sílabas]
Nin/guém /vi/vi/a-en/ga/na/do	[7 sílabas]
A/ Chu/va/ que/ cai/ na/ ter/ra	[7 sílabas]
O /so/le /já /vai/ be/be/no.	[7 sílabas]
O/ po/vo /pran/ta/no/ ro/ça	[7 sílabas]
La/gar/ta /já /vai/ cu/me/no.	[7 sílabas]
Meu-a/mi/go /se/ tu /be/be	[7 sílabas]
Eu/ te/ pe/ço/ por/ fa/vor	[7 sílabas]
A/ban/do/ne-a/ tal/ ca/cha/ça	[7 sílabas]
Que-é/ la/ço /do/ ten/ta/dor.	[7 sílabas]

É um privilégio ter a oportunidade de participar de um momento tão rico da cultura oral Xakriabá. Loas é transmissão de saberes. As Loas são até hoje uma forma de passar conhecimentos, é um momento em que os mais velhos têm para aconselhar o novo casal, é muito mais interessante falar uma Loa do que fazer um discurso.

Existe uma Loa do Sr. Pedro que fala que a moça não vai poder usar mais roupa curta nem decotada, que o rapaz não vai poder sair sem falar aonde vai, que tem que ter horas pra voltar.

Para a moça vou dizer
 Vestido curto você num pode mais usar
 Blusa decotada num é nem bom pensar.
 Pro rapaz vou explicar
 Acabou aquele tempo
 De dar uma de garanhão
 De sair de casa sem saber a aonde vai
 Sem ter hora pra voltar...

Sr. Hilário joga uma loa, “O abc da família”, que traz vários conselhos para o casal.

A é o amor,
 Sem ele não há casamento
 Amar o outro em cristo
 É o maior mandamento.
 B é o batismo
 Que damos aos nossos filhos...
 C é a comunidade...

Para quem não teve essa bela experiência de participar de um casamento Xakriabá, posso afirmar que é um momento de muita alegria, sabedoria e aprendizado, vale a pena conhecer.

Os temas das Loas são vários, o principal é o casamento, mas aparecem muitos outros como a cachaça, política, animais, mulheres e até tragédias, mas tudo de forma bem humorada, não importando o assunto.

As Loas do Sr. Zé do Rolo fazem um apanhado da História Econômica do Brasil, começando desde o governo Fernando Collor até o governo Dilma Rousseff.

Veio o presidente Lula
Pro país diministra
Colocou um fome zero
Pra com a fome acabá.

Um presidente com esse
Podia continuar
Mas escolheu dona Dilma
Pra ocupar seu lugá.

As Loas de Sr. Dário falam da mulher e da cachaça, do casamento, estas e outras Loas podem ser conferidas no capítulo “Antologia das Loas”.

Não importa o tema, o importante é ter rima.

Tem que ter rima, é a rima que faz as Loas ficarem interessantes. A Loa é tipo u’a musca mermo, cê vai fazeno, leva um tema, depois aquele não rima, depois cê vai tem que tirá ele fora, vem com o to até ir acompanhando a rima da loa, porque o bunito da loa é o rima, se não rimá, num fica muito bunito, não.
(Sr. Pedro Pereira da Mota).

Há uma semelhança na fala do Sr. Pedro e, por exemplo, passagem do livro de Bráulio Tavares, em que o autor destaca a importância da rima.

A expectativa da rima é um dos recursos mais comuns da poesia. Um dos prazeres de se ler ou se escutar um poema rimado é ver como o poeta, que se obrigou a usar esse recurso, consegue cada vez mais encontrar palavras diferentes que repetem o mesmo som e não se afasta do assunto. (TAVARES, 2005, p. 33.)

Às vezes, as rimas são muito engraçadas, os convidados ao redor da mesa dão risadas, os jogadores de Loas caçoam do noivo e da noiva.

Fazer versos é uma prática muito comum no dia a dia dos Xakriabá. Observando os trabalhos dos alunos, percebemos que muitos já começam nos anos iniciais a escrever versos e continuam até o ensino superior. O povo Xakriabá tem uma facilidade muito grande de fazer versos, é possível reunir vários trabalhos de alunos Xakriabá feitos em versos.

Muitos trabalhos dos alunos Xakriabá no FIEI sempre acabam em versos, nos seminários temáticos do FIEI têm alunos que fazem seus relatórios em versos. Os livros de autoria Xakriabá têm uma marca: os versos já se fazem presentes no primeiro livro da primeira turma de magistério indígena, *O tempo passa e a história fica*. Nele se encontra a história da chacina do líder

Rosalino em versos, poema de João Batista de Abreu, registrado por José Nunes de Oliveira. Há ainda outro poema de Domingos Nunes de Oliveira contando em versos a luta e a morte do seu pai, Rosalino.

Para os Xakriabá, tudo é motivo para fazer versos, como afirma Célia Xakriabá.

Mas é bem interessante, porque no povo Xakriabá por um todo percebe muito essa intonação rimada, até nos próprios alunos aqui da UFMG, que tudo acaba virando verso. E os versos pro povo Xakriabá é uma forma bem interessante de escrever, expressar o sentimento que mesmo quando nós tamos nesse processo acadêmico, escrevendo texto, vira e mexe a gente depara com alguns amigos fazendo rima.

Pesquisei alguns livros de autoria de professores indígenas Xakriabá, procurando a presença dos versos. Dos dezessete livros estudados, em treze foram encontrados versos. São livros de diversos temas, como a história de luta do povo, as plantas medicinais, conhecimentos tradicionais, matemática e outros; os versos sempre têm espaço nos textos Xakriabá.

Durante a minha pesquisa, pude observar que nas paredes das salas de aulas sempre há um cartaz feito pelos alunos com versos. No período de estágio, tive a oportunidade de presenciar vários alunos apresentando relatórios dos trabalhos em versos. Nas homenagens que são feitas em datas comemorativas, as poesias são presença certa.

Nas reuniões, encontros e seminários no território Xakriabá, sempre têm versos. No mutirão dos povos tradicionais, que aconteceu na aldeia Brejo Mata Fome, de 16 a 19 de abril 2015, se reuniram 17 povos diferentes e a abertura do mutirão foi com uma poesia declamada com muita emoção pelo cacique Xakriabá Domingos Gomes de Oliveira, poema de sua autoria.

Após 28 anos reunidos neste lugar
Pra lembrar a história
Que agora vamos contar
Estamos neste momento
Relebrando sofrimento
Do povo xacriabá.

Foi um dia muito triste
Mas depois veio a alegria
Pois a terra ficou livre
Era o que os índios queriam
Porém não dar pra esquecer
Pois tiveram que morrer
Três índios naquele dia.

O momento de jogar Loas é de diversão, brincadeira, mas também de falar sério, de forma bem diferenciada as pessoas mais velhas usam as Loas para aconselhar o novo casal, é hora que todos param para ouvir. É bem mais interessante falar uma Loa do que fazer discurso um, mesmo sendo um assunto difícil de ser tratado, na forma de Loas esse assunto se torna agradável.

4. O casamento e o momento em que são jogadas as Loas

*Nas festas de casamentos
Loas não podem faltar
Momento muito esperado
Da tradição xakriabá.*

As Loas são faladas nas festas de casamento, os convidados de um casamento são divididos em duas partes, os que são convidados para a festa e os que são convidados para serem companheiros.

O convite é feito da seguinte forma: o noivo ou a noiva chega à casa da pessoa, a cumprimenta, se for uma pessoa mais próxima, conversa um pouco e depois fala: “Olha, eu vim chamar você e sua família para tal dia ir assistir minha chegada e fulano. Alguém daquela família é para ir de companheiro comigo.”

Então, aquela pessoa que foi chamada para ser companheiro, vai para o lugar do casamento junto com o noivo ou a noiva, pois os noivos só se encontram no local do casamento, que pode ser no cartório civil, na igreja, no cartório da FUNAI ou outro local escolhido pelas famílias. As outras pessoas são convidadas para a festa, se a pessoa convida para a festa e não fala nada sobre ser companheiro, a gente já sabe que é apenas convidado da festa e não companheiro.

O noivo tem os companheiros dele e a noiva tem os companheiros dela que se juntam no local do casamento; a chegada é sempre na casa da noiva. A *chegada* é como chamamos a recepção dos noivos, a festa.

O convite do casamento Xakriabá é feito pessoalmente, algumas pessoas já fazem convite escrito, mas as pessoas consideram mais importantes o convite que é feito pessoalmente. Às vezes, a pessoa passa convidando e entrega o convite impresso que é como se fosse uma lembrança.

Os Xakriabá não falam *convidar*, falam *chamar*, principalmente as pessoas mais velhas. Se mandar só o convite impresso, falam que não foram chamadas, só mandaram o convite. É como se tivesse fazendo um descaso com a pessoa, se os noivos mandarem o convite, a pessoa que recebeu o convite não faz muita questão de ir ao casamento. Mas se o convite for feito pessoalmente, se ela for *chamada*, a pessoa só não vai se tiver um motivo muito sério, um problema de saúde por exemplo. Nesse caso, o convidado manda o presente, é como se o presente fosse uma retribuição ao *chamado* e em consideração com os noivos.

O chamado mais importante é da noiva. Se o noivo chamar e a noiva não chamar é como se não houvesse o chamado. Se só a noiva chamar, não tem problema. Se os noivos mandam só o convite, o convidado também não se preocupa em dar presente, mas se foi chamado, não pode

faltar o presente. Se os noivos não chamarem nem mandarem convite, mas os pais chamarem, é bem aceito, é como se os noivos tivessem chamado. Nas aldeias Xakriabá, ainda é mais importante o convite feito pessoalmente na casa da pessoa, se encontrar numa estrada, por exemplo, e fazer o convite, não é legal, tem que ir à casa.

Chamar é mais que convidar, é quase uma ordem, não que a pessoa seja obrigada a ir, mas ela se sente no dever de ir. Também a prática de presentear a noiva não é algo novo, já existiam, os presentes de antigamente era ovos, frangos, porcos, feijão, fava, farinha, também tinham os potes de barro, era que o que havia na época.

A chegada dos noivos é um momento importantíssimo, tanto que quando a noiva vai chamar diz: “Vocês vão assistir minha chegada.” O noivo é diferente, fala assim: “Vocês vão na minha saída.”, que é a despedida de solteiro do noivo, e que também chama para a festa.

A despedida de solteiro é chamada de *saída do noivo*, acontece na casa do noivo. Pode ser na véspera do casamento ou uma semana antes. É feita uma festa, ou um churrasco, o costume é a noiva não ir à saída do noivo. As pessoas mais velhas falavam que fazia mal, que dava má sorte e que o casamento não dava certo, os pais não deixavam a noiva ir à saída do noivo, eu mesma não fui à saída do meu noivo. Hoje em dia isso tem mudado, as noivas já estão indo na saída dos noivos.

A chegada do noivado como se fala no território xakriabá é assim: quando os noivos e companheiros se aproximam da casa da noiva, deixam os carros, motos, todos vão a pé; antigamente, todos vinham a cavalo. Os convidados que já estiverem presentes na casa da noiva vão ao encontro dos noivos, vai também um sanfoneiro e seus acompanhantes com outros instrumentos, como bumba, pandeiro e triângulo. Então, vem todo mundo junto tocando, batendo palma, soltando foguetes. São feitas três voltas ao redor da casa, esse momento é chamado de *alvorada dos noivos*. Terminando a alvorada, os pais da noiva vêm receber a filha e o genro, e parabenizá-los, pois os pais das noivas não vão aos casamentos. Meus pais mesmo não foram no meu casamento, isso é normal. Se os pais da noiva não forem ao casamento, ninguém acha estranho. Nos últimos anos isso tem mudado um pouco e alguns pais já estão indo nos casamentos das filhas.

Depois da alvorada, é o momento do jantar. Já está preparada uma mesa bem grande de trinta a quarenta metros de comprimento. Essa mesa é feita no fundo da casa. Todos os companheiros têm que sentar à mesa, se sobrar lugar, pode colocar outras pessoas que não são companheiros.

Todos da mesa são servidos de todos os tipos de comidas, bebidas e doces. Quando todos terminam de comer e beber, então é hora das Loas. Aqui a gente não diz *falar loa*, se diz

jogar loa. Quem joga loa normalmente senta na cabeceira da mesa, a Loa é jogada com um copo de cachaça arribado. Depois de falar a Loa, bebe-se a cachaça. No momento de falar Loas, só pode beber as pessoas que jogam Loa, todas as pessoas que estão presentes se aproximam para ouvir as Loas, muitos improvisam as Loas. Na hora, são incluídos nas Loas os nomes dos noivos, dos pais, padrinhos, conselhos de convivência aldeia. Quando termina de jogar as Loas, os noivos e companheiros saem da mesa e vão juntos tocando sanfona, batendo palma até a barraca de dança, que é feita na frente da casa. Os companheiros só podem sair da mesa juntos com os noivos, então começa o forró até o dia amanhecer. Quando é a última filha de uma família que está se casando, ainda acontece a quebra da panela.

A quebra da panela é assim: quando casa a última filha tem que quebrar a panela. Se pega uma panela de barro, enfeita-a com papel e fitas. Antigamente, enchia-se com todo tipo de comida que era servida na festa. Atualmente, enche-se com balas e bombons. Quando amanhecer o dia, a mãe da noiva coloca a panela na cabeça e todos vão juntos tocando e rodeando a casa, a mãe vai falando “Eu vou quebrar essa panela.” Todos respondem: “Num quebra não.” E vão falando várias vezes até o momento que ela joga a panela no chão, todos se juntam para pegar as balas. É mais uma brincadeira que faz parte do casamento Xakriabá. Essa tradição vem do tempo em que as famílias tinham muitos filhos e cozinhavam em grandes panelas, quando se casava a última filha, quebrava-se a panela porque não iam mais precisar dela.

5. Considerações Finais: Viva ou num viva? Viva!³

A maioria das pessoas com quem eu conversei falam da preocupação de se perder essa prática. Segundo elas, os jovens se envolvem mais com as tecnologias, não dando tanta importância às tradições, não valorizando os conhecimentos que vêm sendo passados de geração em geração. Ultimamente nos casamentos, já não existem tantas pessoas que jogam Loas. Quando os mais velhos não estão nas festas para jogar as Loas, são poucas as pessoas que jogam e, na maioria das vezes, não tem nenhum jovem.

Minha pesquisa foi feita em várias aldeias, em algumas os entrevistados falaram que os jovens não se interessam em falar Loas, já em outras, os entrevistados falaram que tem muitos jovens que tem o interesse de jogar Loas e que já estão fazendo isso nas festas. Neste caso, os desencontros nas informações são as diferenças que existem de uma aldeia para outra, mesmo sendo o mesmo povo, o mesmo território.

Nas falas de alguns mais velhos, a gente sente até certa mágoa, alguns se sentem diminuídos, às vezes nem querem falar porque algumas pessoas não valorizam os conhecimentos adquiridos em muitos anos de experiências. Dona Joana, da aldeia Peruaçu, falou que não quer morrer e levar com ela tudo que ela aprendeu com sua mãe e sua avó, que ela precisa de pessoas que queiram aprender e guardar seus ensinamentos.

O senhor Adelino, da aldeia Itacarambuzinho, falou assim, que as pessoas que tiverem interessadas em aprender com as suas experiências têm que procurá-lo, que ele terá o prazer em ensiná-los, mas que ele não pode sair oferecendo ensinar o que ele sabe a qualquer um, pois corre risco dele falar alguma coisa a uma pessoa que não esteja preparada e isso pode trazer problemas. Ele falou ainda que tem coisas que não podem ser escritas, pois poderia cair em mãos erradas, que o que se escreve é de todo mundo, e se tratando da ciência tradicional ninguém deve ensinar tudo o que sabe.

Na fala do senhor Adelino, ele diz que muita coisa da cultura ou da ciência tradicional não pode ser ensinada de qualquer jeito, pois existem segredos que só as pessoas escolhidas e preparadas podem saber, é importante o ensino através da oralidade, os *benzimentos* não podem ser escritos, são ensinados para a pessoa que tem o dom de aprender de ser um benzedor, de guardar os segredos. Os mais velhos falam que um homem não pode ensinar um benzimento para outro homem, nem uma mulher pode ensinar para outra mulher, o homem tem que ensinar para a mulher, e vice-versa, senão a oração perder o poder tem coisas da cultura que não vão ser

³ Expressão utilizada para finalizar as loas.

escritas, só vão ser repassadas pela oralidade, no dia a dia, com intuito de que não se perca. É importante o que exista fortalecimento da oralidade, e que ela fortaleça nossa cultura.

Outra observação é que sempre que perguntamos como aprendeu jogar Loas, a resposta é que aprendeu ouvindo os mais velhos jogando, e dizendo que ninguém os ensinou. Eles ficavam prestando atenção e foram aprendendo, isso nos aponta um caminho que, para aprender é necessário ouvir, prestar atenção e praticar, e assim as crianças aprendem.

As Loas são práticas coletivas da oralidade faladas em momentos com muitas pessoas presentes, não são ensinadas nem escritas, mesmo as pessoas que sabem ler e escrever não se utilizam desse recurso para jogar loa, é ouvindo, jogando e se aperfeiçoando por meio da prática.

Minha pesquisa durou quase três anos, de observações, conversas e orientações, a maior dificuldade encontrada foi a falta de equipamentos tecnológicos que pudessem me ajudar a desenvolver um trabalho com uma boa qualidade de som e imagem, porque é muito difícil encontrar alguém para ajudar nas gravações e filmagens. Quando conseguia agendar a entrevista com o jogador de Loas, aconteceu de algumas entrevistas terem de ser remarcaadas por imprevistos de saúde, mas, em relação à ajuda técnica, às vezes, a pessoa que iria gravar não podia ir. Como as festas são pela noite, com iluminação precária, tudo isso dificultou que fossem filmadas.

Outra dificuldade foi dar atenção aos pequenos detalhes, que fazem muita diferença, tudo está tão naturalizado no nosso contexto, que deixamos de registrar, de explorar mais, é preciso ter um olhar diferente daquele que estamos acostumados, e isso é um grande desafio. Se eu fosse começar esta pesquisa hoje com certeza teria muitos detalhes que passou pelo meu olhar desatento.

O desejo de ter um CD compondo o meu trabalho surgiu no momento que comecei a fazer entrevistas e gravar as Loas e percebi que tem coisa que se perderia, com a escrita, que o papel não seria capaz de mostrar, a forma de falar, a entonação da voz, o sotaque, as diferenças na linguagem de cada pessoa. Com a escrita muito se guarda, mas ao mesmo tempo se perde, é importante a escrita e a oralidade, uma auxiliando a outra, e assim, a cultura se torna rica e completa. Vou levar um CD em agradecimento para cada um dos meus colaboradores, os grandes responsáveis pela realização deste trabalho, sem eles não seria possível desenvolver esta pesquisa, os meus entrevistados.

Para terminar meu trabalho
Uma loa vou falar
Tive que treinar um pouco
Não tenho o dom de improvisar.

Pra mostrar essa riqueza
Do povo Xakriabá
Patrimônio imaterial
Que temos que preservar.

O valor da oralidade
Não dá para explicar
Toda experiência
Que o Xakriabá soube guardar
De geração em geração
De forma espetacular.

Não tinha pendrive nem HD
Mas tinha a memória
De quem queria aprender
A ciência dos mais velhos
Pra poder sobreviver.

Muitas praticas das aldeias
Não podemos escrever
São gestos palavras sagradas
Que qual quer um pode ler.

A cultura de um povo
Os mais velhos sabe ensinar
Mas tem os preparados
Que sabe os segredos guardar.
Pois existem muitos mistérios
Pra se ter o dom de curar
Isso é segredo sagrado
Dos pajés Xakriabá.

Sabor de dever cumprido
De quatro anos de trabalhos
Mas tudo ficou tão lindo
Como uma colcha de retalho.

Foi juntando os pedacinhos
De tudo que foi ensinado
Formando uma grande peça
Que não esta acabada.

Ainda falta muita coisa
Que precisa ser estudada
Ampliando conhecimentos
No decorrer da caminhada.

Tudo isso leva tempo
Esforço e dedicação
Tecendo o saber científico
E o saber da tradição.

Nas festas de casamento
Loas não podem faltar
Depois da sobremesa
É coisa de admirar.

Cada um vai improvisando
Pros convidados alegrar
Todos se aproximam
Querem saborear
Rola até um desafio
É tradição do lugar.

O viva é daqui pra lá
E depois de lá pra cá
Pra ninguém ficar descontente
Viva todos que aqui está.

Referências

- AGUIAR, Joana Nunes [Dona Joana]. Loas. [05 abr. 2015]. São João das Missões: Aldeia Peruaçu. Entrevista concedida a autora.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 5. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.
- CORREA, Hilário. O que é Loas. [25 jan. 2015]. São João das Missões: Aldeia Barreiro Preto. Entrevista concedida a autora.
- FREIRE, José de Sousa. [Zé do Rolo] História das Loas. [25 jan. 2015]. São João das Missões: Aldeia Barreiro preto. Entrevista concedida a autora.
- MACEDO, Adelino Nunes de. Loas Antigas. [12 abr.2015]. São João das Missões: aldeia Itacarambzinho. Entrevista concedida a autora.
- MACEDO, Alzira Gonçalves de. Loas. [20 abr.2015]. São João das Missões: Aldeia Forges. Entrevista concedida a autora.
- MOTA, Pedro Pereira. Como fazer Loas. [28 de jun. 2015]. São João das Missões: Aldeia Dizimeiro. Entrevista concedida a autora.
- NUNES, Domingos Gomes de. [Mutirão]. [15 abr. 2016] São João das Missões: Aldeia Brejo Mata Fome.[versos declamados abertura do mutirão dos povos tradicionais de Minas Gerais].
- NUNES XAKRIABÁ, José. Depoimento. In: SILVEIRA, Elza Gonçalves da. *Sobre a Literatura Xacriabá*. Belo Horizonte: FALE/UFMG: CGEEI/ SECAD/MEC, 2005.
- QUEIROZ, Sônia (Org.). *No tempo em que os bichos falavam*. Belo Horizonte: Projeto Quem Conta um Conto Aumenta um Ponto – Faculdade de Letras da UFMG, 2009.
- PROFESSORES XAKRIABÁ. *O tempo passa a história fica*. Belo Horizonte: SEE-MG; MEC, 1997.
- RIBEIRO, Dario Fernandes. [Loas, tradição dos mais velhos]. [19 ago. 2016]. São João das Missões: Aldeia Barreiro Preto.
- TAVARES, Bráulio. *Contando histórias em versos: poesia e romanceiro popular no Brasil*. São Paulo: Editora 34, 2005.
- XAKRIABÁ, Célia [Movimento das Loas]. [18 Set. 2016]. Belo Horizonte. Entrevista concedida a autora.
- ZUMTHOR, Paul. *Introdução à poesia oral*. Trad. Jerusa Pires Ferreira; Maria Lúcia Diniz Pochat; Maria Inês de Almeida. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

6 [Os jogadores de Loas]

Meus entrevistados foram:

José de Sousa Freire, conhecido como Zé do Rolo, tem 74 anos de idade, é morador da aldeia Barreiro Preto. É um sábio Xakriabá, jogador de Loas, rezador, folião de Reis, guarda muitas histórias do povo Xakriabá.

Hilário Correa, 53 anos, casado, é morador da aldeia Barreiro Preto. Jogador de Loas participa dos movimentos indígenas Xakriabá, ajudou no projeto do Ponto de Cultura Loas. Nos casamentos sempre é chamado para jogar Loas.

Joana Nunes Aguiar Seixas, 62 anos, é moradora da aldeia Peruaçu. Sábua Xakriabá, ela tem muitos conhecimentos da cultura e dos costumes mais antigos. É lavradora e aposentada.

Adelino Nunes de Macedo, 71 anos, é morador da aldeia Itacarambuzinho é um sábio das ciências Xakriabá. É rezador, benzedor, folião de Reis e tem muita experiência com os segredos da natureza.

Alzira Gonçalves de Macedo, 54 anos, conhecida como Zila, é moradora da aldeia Forges. Ela é rezadeira, benzedeira e jogadora de Loas.

Pedro Pereira da Mota, morador da aldeia Dizimeiro, é lavrador, tem 50 anos e joga Loas há 25 anos.

Dario Fernandes Ribeiro, 67 anos, é morador da aldeia Barreiro Preto, lavrador aposentado.

Célia Correa, moradora da aldeia Barreiro Preto, 26 anos, é professora de Cultura e faz parte dos movimentos indígenas. Foi estudante do FIEI (Formação Intercultural para Educadores Indígenas, da Faculdade de Educação da UFMG), na habilitação Ciências Sociais e Humanidades. É uma jovem jogadora de Loas.

Não tenho fotos de todos os meus entrevistados, por que alguns não autorizaram tirar fotos.

7. Antologia das Loas

Loa de seu Zé do rolo

(1)

Boa noite meus amigos
Com vocês eu quero falá
Eu venho de grande distância
E demorei para chegá.

Mas aqui estou presente
Para essa mesa saudá
Eu quero saudá a todos voceis
No lugá a onde está
Saudo toda região
Do povo xakriabá

Saúdo nossos visitantes
Que veio nos visita
Agradecendo á Deus
Em primeiro lugá.

Óh Deus onipotente
Que criou o firmamento
O céu a terra e o mar
Criou o sole as estrelas
Criou um lindo luar

Olha esse povo reunido
Aqui em todo lugá
Tem gente alegre e contente
Tem gente que ta doente
Tem gente passando fome
Levando a vida clamá
É por causa dos governantes
Que não sabe dministrá.

Conforto que é pra pobre
Quem recebe é marajá
Tiraro Fernando cola
E colocaro Itamá
Formaram um plano cruzado
Pras coisa congelá.

Veja se tem razão
Porque a triste infração
Estava de amargá
Depois veio Fernando Hanrique
Para o país diministra
Formaro um plano reale
Pros preços num aumentá.

Veio o presidente lula
Pro país diministra
Colocou um fome zero
Para com a fome acaba
Um presidete coma esse
Podia continua
Mas ele escolheu dona Dilma
Pá ocupa seu lugá.
Vê se ela faz um bom trabalho
Se o povo vai agradá.

Sentamo o juei no chão
E começamo a rezá
Vamo fazer uma penitença
Para Deus nos ajudá
Divino espirito santo
Venha nos iluminá
Abençoi esta mesa
Com esse lindo jantá.

Abençoi esses noivos
E todos seus familhá
Clariá vossos caminhos
Por onde vos é de passa.
Fortalece vossa mente
Para nunca vos errá

Óh divino espirito santo
Olha para os que tem fome
Protejei os inocente
Dê a cura aos infermos
Saúde aos que tão duente
E o nosso irmão carente?
Que não tem terra nem lá
Dê a eles uma moradia
E terra pá trabaiá.

Ao sustento das famia
Nosso pão de cada dia
Que nunca é de faltá

Tem gente que tá quase morto
Que precisa desse conforto
Que é só Deus que pode dá
Na verdade meus amigos
Por aqui eu vó pará
Se eu não falei de acordo
Vocês vão-me desculpá.
Eu do viva pra esses noivos que casó
E os que vai casá

Viva a mesa do meio pra cá
Viva do meio pra lá
Pra não ficá ninguém descontente
Viva daqui até lá.

(2)

No tempo que os bichos falavam
O tatu peba era escrivão
Andava com as unhas rombudas
De fazer letra no chão

O peba novo
Tem cabelo de penacho
O cabelo do peba veio
É pintiado de cacho em cacho
Nas costa tem uma sanfona
De quarenta e oito baxo.

Ai foi tocar uma festa
Da meia noite por dia
Começaram se arriliá
Por causa da largatixa
Que não quis dançá
Com o tamanduá
Bandeira deu no trinta
E fez a festa pará.

Lá na dança da caninha
Teve um samba de facão
Amigo sapo entro no meio
Lá ele ganho um pescoção
E saiu de pulo em pulo
Foi cai no ribirão

O sapo fez uma jura
Num vó ne festa mais no sertão
Que esse povo de hoje em dia
Não pisui inducação
Embriaga na cachaça
Num respeita um cidadão.

Na festa da bicharada
Renava muita alegria
O leão como um bom rê
Deu três dia de fulia
Deu três mile cruzeiro em ouro
E uma rica fantasia
O bicho mais engraçado
Que apareceu na orgia.

Quando o bode era doutor
E o cachorro adevogado
Andava tudo direito
O mundo bem governado
A justiça muito reta
Ninguém vivia enganado.

Cuei era chefe do mato
Peru era viajante
O galo por ser tenore
Regia um café cantante
Macaco bicho do rê
Urso rapaz e amante.

O leão sempre foi rê
Casado com uma leoa
Jacaré era secretario
Onça grande pessoa
Mestre sapo professor
Na beira de uma lagoa.

Rapais vei lava difunto
Moça vea é coroa
Quem quiser andá direito
Só depende da pessoa.
Viva ou num viva.

(3)

Eu num bebo pinga
Por que tenho medo
A cachaça é boa
mas num é brinquedo
O homem que bebe
Num guarda segredo.

Deita muito tarde
Alevanta cedo
Com a boca margano
E cuspino azedo.

Esses cachaceros, pois eu acho graça
Entra no buteco pra bebe cachaça
Fica o dia inteiro fazendo arruasca
Com o pito na boca soltando fumaça
E o copo na mão maltratando a raça

Quem bebe cachaça tem espirito de loco
Bebe uma garrafa indá bebeu poco
Chega im casa tarde é falando roco
A muie e os fiío ele leva no soco
Com a boca cherano igual ovo choco.

Quem bebe cachaça tem sua profissão
Pensa que cachaça é alimentação
Quando ver um copo em cima do barcão
Fica com o zói aceso que nem lampião
Pro mode a cachaça dá diprezo o pão.

Quem bebe a cachaça È porque gosta dela
Bebe da branquinha Bebe da marela
Quando num tem copo Bebe na tijela
Dorme na sarjeta em cima da marcela
Um dia esse cara vai morre sem vela.

Vai morre sem vela cum litrão do lado
A alma sai do corpo toda sapecada
Chega lá no céu a porta ta fechada
São pedo num abre proque ta infezado
Lá no céu num entrá nego imbriagado.
Viva ou num viva?
Viiiva!!!

(4)

Nossa terra é muito boa
Tudo que pranta nela dá
Não depende de adubro
Pra poder adubrá
So depende da chuva
Num importa o lugar
Mas depende de você
Pra prantá e limpá.

Pranta arroz e feijão
Milho para o fubá
Ainda anima sai pra fora
Pra poder trabaia
Corta cana em colina
Mato grosso e Paraná.

Logo fais o acerto
Compra moto e vem pra cá
Chega aqui fais uma casa
Já anima pá casá

E arruma professora
Que dá aula no lugá
É um povo muito isperto
O povo xakriabá.
Será verdade?
Viva os noivos!!

(5)

Casamento é coisa boa
Foi coisa que Deus já dexó
Viva o povo do Sumaré

Que era neto de hetó
Era home que lia iscritura
Mas os netos num importo.

É por isso que tamos veno
A chuva chuveno poco
A terra já ta tremeno
A chuva que cai na terra
O sole já vai bebeno.
O povo prantano roça
Lagarta já vai cumeno.

Moça namora escondido
Sem os pais fica sabeno
Minha mãe me casa logo
Que os véi já ta morreno.

Será que ta certo um negoço desse?
Viva ou num viva.

Loa de Sr. Hilário

(1)

A cachaça aqui na terra
Quer ter um grande poder
Por que tudo que Deus fez pro homem se reger
Cachaça faz de um tudo para poder desfazer.

Deus fez o home na terra pra tudo governa
Cachaça diz que nada não posso me conformá
Quem ouvir o meu conselho
Só faz o que eu manda

Para o home se elevá
Deus dexó a escritura
Cachaça diz tá errado
Sua tolice figura
Para o home viver alegre
Basta toma pinga pura.

Deus dexo os dez mandamentos
Para o home obedecer

Cachaça diz que nada
Quem me compreender
Num tem melhor mandamento
Qui cachaça bebê.

Como a se amar o próximo
É palavra do senhor
Cachaça diz é erro
Quem for meu seguidor
Toma o dinheiro do próximo
E beba cum mais valor.

Deus dexó seus ministros
Com a lei da confissão
Cachaça mais se sangou
E de certa razão
Minha lei é bebe
E se rolar pelo chão.

Meu amigo se tu bebe
Eu te peço por favor
Abandone a tal cachaça
Que é laço do tentador.

Ela deseja te ver
É num escuro sem luz
E nas grades de uma cadeia
Suando como cuscuz
E lutando frente a frente
Contra a lei do bom Jesus.

Se nos podemos amarrar
O touro bravo e o leão
O touro por mais valente
Nois amarra de pé e mão
Por que dexamos cachaça
Fazer nos rolá no chão.

Eu também já bebi muito
Fui primeiro sem segundo
Mas Deus pegou no meu braço
Com seu poder tão fecundo
Me tirou daquela lama
Do grande abismo profundo.

Hoje dou graças a Deus
E a vigem da conceição
Que o poder da cachaça
Eu derrubei ele no chão
Como o anjo são Miguel
Pisou no dragão.

Os mandamentos da cachaça
São quatro
Primeiro beber
Segundo cuspir
Terceiro embriagar
Quarto cair

Esse quarto mandamento
Encerra se em dois
Cacete no chifre
Cadeia depois.

(2)

A b c da família.
A é o amor,
Sem ele não há casamento, amar o outro em cristo é o maior mandamento.
B é o batismo,
Que damos aos nossos filhos, e pra crescer na igreja que ensinamos o catecismo.
C é comunidade,
Onde temos nossa morada, a família que se fecha prejudica a comunidade.
D é o dinheiro sem ele não dá pra viver, pois quem não ganha dinheiro de fome irá morrer.
E é exemplo,
Que pai e mãe devem dar, dar exemplo de vida é melhor que muito falar.
F são os filhos
O fruto do nosso amor não tenha preferência todos tem o seu valor.
G é geração,
Que às vezes entra em conflito, se pais e filhos brigam todo mundo fica aflito.
H é higiene,
Coisa de muita influencia, casa corpo e roupa limpa afugentam as doenças.
I é igreja,
Católica apostólica romana, grande família de Deus tão divina e tão humana.
J é o juízo
Da esposa e do marido, para que juntos resolva aquilo que for preciso.
L é a lei de Deus.
E o seu quarto mandamento, horar pai e mãe com o melhor sentimento.

N é o numero de filhos,
Que cada família cabe, o casal que resolve com responsabilidade.
O é oração,
Que faz a força na vida, a família que pega com Deus com Deus será válida.
P é o nosso pai,
Do lar a maior fortaleza que junto com a mãe guia a casa com firmeza.
Q é quarela
Que significa brigar é um grande sinal de fraqueza não saber combinar.
R é respeito,
Que reina dentro do lar, sempre o valor dos outros devemos respeitar.
S é o saber que o aluno aprende na escola o estudo é tão importante assim como a professora.
T é o trabalho,
Que faz calos nas mãos quem se deita na preguiça nunca levanta do chão.
U é união,
Que faz a força na vida, coisa bonita de ver é família reunida.
V é vocação,
Chamado que Deus nos faz e deve ser respeitado pelos seus filhos e pelos seus pais.
X de muitos problemas,
Acha se na humildade, quem resolve perdoar terá paz e felicidade.
Z é o zelo pra manter a chama do amor, pois sem ele tudo termina em divorcio desquite e dor.
~ til ,
Esta no caixão, mas peçamos ao senhor que consolai a nossa alma quando desse mundo se for.
Viva a mesa daqui pra lá, viva de lá pra cá
Pra não ficar ninguém descontente
Viva daqui até lá.

Viva ou num viva?

Loas de Sr. Dário

(1)

Tem uma mulher de branco, ai bunita
E ela é muito procurada
Mas toma cuidado com dona cachaça
Nossos amigos
Que ela num tem medo de nada.

Todos que namora com dona cachaça
So vive todo machucado
Dona cachaça é vaidosa
Ela gosta muito da gandaia
Ela anda sempre no meio de nós

Mas nunca vestiu uma calça nem saia
E todos que envolve com dona cachaça
Logo se atrapaia.

Dona cachaça é desaforada
Toma o home da sua muié
Dexa o cara dominado
E fais dele o quela quer
Se ele for rico,ele fica pobre
Ela toma tudo que ele tiver
Se ele for pobre logo ele vai
Que já ele começa inchá os pé.

Dona cachaça é uma muié loca
Num tem amor nem coração
Pega seu namorado só beja na boca
E rola o coitado pelo chão
Dexa ele todo machucado
E vai imbora num pede perdão.

Mas o segredo de dona cachaça
Nossos amigos
Vou fala pra voceis agora
A gente não pode ser dominado por ela
Pois até nossa vida ela leva imbora
Quem namora com dona cachaça
Só pode dá um belo nela e cair fora.

A Mulher e a cachaça
São duas coisa procurada
A cachaça para beber
As mulheres pra ser amada.

São duas coisa
Que num acho graça
E também num tenho fé
A festa que num tem cachaça
E a casa que num tem Mogi.

Eu sou ligado numa palavra
Que um dia meu pai me falô
O home qui num gosta nem de Mogi
Nem de cachaça
Ele é um cabra sem valor

A Mogi que nos traga amor e paz
E a cachaça nos traga a disposição
Nóis home têm que enfrentar ela com coragem
E muito amor nos nossos corações.

A Muié pode ser de qual quer cor
Mas a cachaça tem que ser branquinha ou marela
Nóis home tem que enfrentar ela com corage
Não podemos viver sem ela.

Assim como as estrelas brilham no céu
As Muié brilham na terra
Se acabar as muiéres desse mundo
Com certeza que esse mundo vai se acabar em guerra
É por isso que sou ligado nessa jogada
E o meu amor lhe é profundo
Se acabar as muiéres e a cachaça
Por mim são Pedro
Pode soca fogo nesse mundo.

(2)

Meus amigos me dê licença
Que tenho uma históra pá fala
A históra du casamento
Eu agora vou contá.

Dize que a gaiola do casamento
É difiço de inguli
Quem ta fora quer entrá
Quem ta dento quer sair.

Mas isso não é verdade
A coisa é muito diferente
Foi a mio gaiola que já encontrei
Foi a gaiola do casamento
Se minha Muié me jogá pra fora dessa gaiola
Eu caço outra e pulo de dento.

(10)

Quando Deus fez o mundo
Pra Adão ele falô
Vou te arrumá uma cumpanhera
Pra ser o seu amor.

Ele arrumou a companheira
Que foi a dona Eva
O casamento foi Deus que celebrô
O que ele fez mió que o casamento levo pro céu
Aqui na terra ele num dexô.

Loa de Chiquim de Benedito

(1)

Quero que todos me dê licença
Preste com uma grande atenção
Porque a cachaça e o cigarro
Virou vício na população
Por que é home Muié e minino
Cum copo de pinga na mão.

Pois a cachaça acaba com o rico
Derruba o pobre no chão
O zói que nem uma brasa
Boca que nem um limão
Manhece o dia dizeno
Pinga num bebo mais não.

Uma vantagem o cachaceiro tem
Que tem casa e avião
Pois na casa farta a dispesa
No borso farta o tustão
Pois a cachaça acaba com o figo
Cigarro acaba com o pulmão.

Pois a cachaça é o leite do demôno
O cigarro a chupeta do cão
Pra quem fuma e bebe
É um consenho do coração.

(2)

Cachaça é u, a moça branca
Filha dum home capucho
Ela me joga no chão
Rolo com ela no bucho.

Isso num é coisa de todo mundo
Nem coisa de admirá
Tiro carça pá cabeça
Camisa pú carcanha

Nos pés uma bota gaúcha
Na cabeça chapéu panamá
Se úteis quer saber meu nome
Vai lá im casa preguntá.

Sou filho da cobra verde
Neto da cobra corá
Sapatei em poça d, água
Fiz puera levantá.

Com um litro de cachaça
Fiz cem homens embriaga
Quero dá o viva para o noivo
Que é lá do xakriabá.

(3)

Eu fui um bom vaqueiro
Nunca perder uma vaquejada
Começava as três da tarde
Só terminava de madrugada.

Aprender joga bola
Com uma bolinha de mangaba
Entrei na mesa jantano
E bebeno catuaba.

As mininas de hoje em dia
Todas ta sendo casada
Eu já tive nessa fila
Na procura de u, a namorada.

Agora eu falo pra voceis
O que aconteceu comigo em Uberaba
Lá eu tinha três Mogi
Todas as três apusentada.
Uma na cadeira de roda
As outra duas era aleijada.

Peguei o cartão das três
No banco não tinha nada
voltei quebrei os dente delas
só ficou os da quexada.

Voltei lá pra minha casa
Pra minha velha morada
Quando minha Muié descobriu
Foi u, a briga desgraçada
Durmi mais de dez dias no banco
E quatro na carçada.

Agora quero falar pra voceis
Com grande satisfação
Arrumei a minha mala
Sem saber o rumo nem o destino
Quero da o viva para a noiva
Que é filha de tio Galdino.

Loas de Sr. Pedro

(1)

Quero agradecer o dono da casa
Pelo convite que nos fez
Para comparecer aqui hoje neste dia
Pedir a nossa senhora que abençoa este lar
Abençoa esta mesa farta
Que nunca é de deixar
O pão de cada dia nesta mesa falta

Pois onde há uma mesa farta dessa
Nunca faltará a união.
Muita gente acha
Que isso é despesa para um pai de família
A maior despesa para um pai de família
É ver sua filha enrrolada
Sem poder casar
Com a casa cheia de netos
Sem saber onde o pai está.

Quero agradecer o servente da mesa
Pela sua gentileza
Que serviu tudo que tem nessa mesa
Diante deste príncipe
E também desta princesa.

Quero agradecer
Aqueles que estão na beira daquele fogão
Todas elas tiçaram o tição
Todas elas participaram desse feijão.

Estava de bom gosto
O arroz e o carvão
Sem comparança
O frango e o feijão.

Pois da linguiça
Eu num falo não
Pois da linguiça eu não comi
Quem comeu da linguiça
Arriba o dedo e dá sua opinião
Se não quiser arribar o dedo
E dá a sua opinião
Num tem problema não.

A linguiça é caseira
E não é da perdigão
Se do prato ela sumiu
Com certeza nela alguém passou a mão.

Viva daqui pra lá
Viva de lá pra cá
Viva quem já casou
Viva quem quer casar.

(2)

Este casamento começou
Através de um namorar
Este rapaz chegou para o pai da moça
E se falou:

com sua filha quero casá
diante dos meus olhos
só ela consigo encherjá.

O pai da moça falou pra ele
Olha antes eu quero lhe fazer um pedido
Pense ante de casar
Pra depois não se chorar.

Ao ver você casado com minha filha
E o prazer do meu coração
Se for pra casar com minha filha e não zelar
Deixa ela aqui onde estar
Quem criou há dezoito anos
Cria mais vinte que passá
Mí,a filha num tem precisão
De sair de minha casa
Pá na casa de oto home se pasta.

Até parece que vou casar
Com uma princesa dessa
E não vou zelá
Ela é a dona do meu coração
A rainha do meu lar
Quem eu escolher
para ser a dona do meu lar
viva daqui pra lá
viva de lá pra cá.

(3)

O noivo e a noiva agradece
Companheiros e companheiras
Que com eles chegaram
Aos pés daquele altar
Em busca de uma felicidade
Que há muito tempo estava à espera.

Mas só hoje este dia pode se chegar
Realizando seu sonho
Que era de um dia se casar
Pois esse é o caminho que toda moça
Deveria se passar
Este momento de alegria

Ao seu pai e sua mãe
Todas poderá dá.

Pois o sonho de todo pai
E o sonho de toda mãe
É de um dia ver sua filha se casar
Vestida de noiva diante de sua casa se chegar.

Esta noiva esta com o coração repleto de alegria
Por esta casada com o home que tanto queria
Se transformando de uma moça
Em uma chefe de família.

(4)

Dão licença minha gente
No que vou fala
Padrinhos e madrinhas
Companheiros e companheiras
Agradece o noivo e a noiva
Pela preferência que estiveram
Para nos convidar para fazer parte
Da sua companhia
Para nós foi uma grande honra
Esta do seu lado durante este dia.

Mas de agora em diante
Nossa companhia vai se distância
Mas de onde estiver estaremos
Rezando e orando
Para o seu casamento Deus abençoar.

O difícil não é casar
O difícil é viver
Mas não há nada difícil neste mundo
Que um casal que se ama
Não possa vencer.

Por mais que se conheça
Quando se casa
Alguma coisa
tem que se mudar.
Para a moça eu vou dizer
Vestido curto você num pode mais usar
Blusa decotada num é nem bom pensar.

E para o rapaz eu vou explica
Acabou aquele tempo
De dá uma de garanhão
De sair de sua casa
Sem dizer pra onde vai
Sem ter hora pra volta.

Pois agora você tem que dizer pra onde vai
Tem que ter hora pra voltar
Se por lá demora
Quando chega alguma coisa
tem que explica.

E não adianta mentir
Porque a mentira faz gagueja
E a verdade faz chorar
Onde há mentira
A felicidade não vem para morar.

Viva daqui pra lá
Viva de lá pra cá
Viva quem já casou
E viva quem quer casá.

(5)

Loa de zila
A cachaça é moça branca
Ela não adula ninguém
O pobre bebe cachaça
O rico bebe também.

O pobre cai no buraco
O rico cai mais de cem
Se eu não abrisse dos olhos
Tava no buraco também.

Poema de Domingos Gomes de Oliveira

(1)

Após 28 anos reunidos neste lugar
Pra lembrar a história
Que agora vamos contar
Estamos neste momento
Relembrando o sofrimento
Do povo xacriabá

Foi um dia muito triste
Mas depois veio a alegria
Pois a terra ficou livre
Era o que os índios queriam
Porém não dar pra esquecer
Pois tiveram que morrer
Três índios naquele dia.

Meu amigo meu irmão
Você que ouviu falar
Três índios que aqui morreram
Sem chance de se livrar
Pois naquela invasão
No meio da escuridão
Não conseguiram escapar.

Aqui estão os túmulos
De Manoel e Rosalino
E também de Zé Teixeira
Que cumpriu o seu destino
No meio da madrugada
Suas vidas foram tiradas
Pelas mãos dos assassinos.

Rosalino, Manoel e Zé Teixeira
Estão plantadas nessa terra
Debaixo do nosso chão
Foi por mim e por você
Tiveram que morrer
Pra salvar nossos irmãos.

Tenho lágrimas nos olhos
Pode deixar derramar
Pois não é todo dia
Que você pode lembrar

Dia 12 de fevereiro
O inimigo traiçoeiro
Fez nosso povo chorar.

O exemplo de união
Nos devemos seguir
Pois nossos antepassados
Ensinaram a refletir
Seguiremos como a lua
Pois a luta continua
Não podemos desistir.

Loa do Sr. Delino

(1)

Francilino e Damião
Era um intrigador de morte
Eles foram encontrado
No festejo de são joão.

Damião quando soube
Deu um belo no revorve
Pra matar Francilino.
Eu sei que num prestanejo
Eu dexo a cara dele
Como um relador de queijo.

Instança de vinte passos
Dois chimiter relanciou
Foi duas balas de aço
Na mesma hora estoró

Chamaram a policia
Pá ver quem tinha razão
Quando a policia chegó
Já tava os dois tombado no chão.

A policia chegou ,viu ,falou,oió
Dois cabra macho
Cada peito numa bala
Cada bala ne um coração
Revorve da merma marca
Calibre e fabricação.

Entrou dois valentão de cortar o chão
ferido de bala
juntando mus quito
duro igual um pirulito.

(2)

Eu vou contar um causo
Muito bom de nota
De uma moça bonito
Que existia nu lugar
E bonito como a ela
No locá num há

A moça era tão bunita
Quando estava na janela
Morador perdia a casa
Nega quebrava a panela
Sapatero perdia o ponto
Furava o dedo na suvela

In conto isso a moçada falava
Eu vou arrumá
(falta uma parte aqui)

Pra todo mundo ver
Compro meu arroz
Cozinho vó vender

Essa moça sai na rua
Fazendo tanta cubiça
O povo fazendo tudo
Igual a procissão do senhoro bispo
Adora essa moça
Mais du que pade na missa.

(3)

Araraquara vai chegando agora
Um caboco risurvido
Tomando sole pela cara
Serenó pelo zuvido
Seu amor já ta nos braços de oto
E ocê fica lambendo imbira.

(4)

Cravo branco na cabeça
Todo mundo quer cherá
Quem é dona não ciuma
Quem num é quer ciumar.

(5)

Arriei o meu cavalo
Esqueci de por o frei
Mas o cavalo já sabia
Onde era meu passei.

Loa de Célia Xakriabá

(1)

Eu sou filha de hilário
Sou neta de Zé do rolo
Depois de muito tempo
Me tornei uma professora.

Nas rezas xakriabá
Vó Gitrude era dotora
Na hora de rezar
Cantava com entonação
Tia Ana vó Gitrude e tia Ineis
Tinha muita devoção.

Mas hoje em dia ta tudo mudado
Nessa terra que é nossa
Quando vê alguém jogando loa
Fica apressado pra dançar um tal de arrocha.

Tudo isso é brincadeira
Mas é coisa pra pensar
Como as coisas estão mudada
Aqui no xakriabá.

(2)

Na diversidade do país
É onde a cultura expressa
Muita gente se pergunta
A onde o Brasil começa?

Será que é mesmo em Brasília
Onde impera o poder
E a desigualdade social
Ou será que é no território
Do povo tradicional.

A resposta é muito clara
Mas é invisibilizada
Esse povo guerreiro
Talvez não contribuimos
Para que o Brasil
Seja um país de primeiro mundo
Mas do Brasil somos os primeiros.

Não contribuimos dessa forma
Onde a cultura é engolida e matada
Onde o valor tá no dinheiro
Quem não tem não vale nada.

Hoje em dia ainda me lembro
Das palavras de um liderança
Pois palavras como essas
Eu guardo como herança.

Um certo dia lhe perguntaram
Como era a cerca
Como era dividido
O território de antigamente
Pois as terras num era nossa
E dividíamos pra muita gente.

Ele logo respondeu
O território é cheio de ciência
O limite de uma terra
Tá em nossa consciência.

O que isso tem haver
Com uma festa tão bonita
por que quem casa hoje
quer ter sua família
e precisa de um território
pra viver em harmonia.

Aqui no xakriabá
Casa gente de mês em mês
Eu não fico preocupada
Por que há de chegar minha vez.

(3)

Hoje o que predomina
E o face book e o watsap
Mas vamos fazer essa retomada
Antes que seja tarde

Por que podemos ter tudo isso
Sem deixar de acabar
Pois óh coisa que eu acho bonito
É a loa xakriabá.

É na força da pintura
Presente no pigmento
Urucum tempera a comida
Como a mulher tempera o casamento.

8. Anexo: Entrevistas

Dona Joana, Peruaçu

No dia 05 de abril de 2015, estive na aldeia Peruaçu na casa de dona Joana Nunes Aguiar Seixas 62 anos, para conversar com ela, se ela poderia me conceder uma entrevista falando sobre Loas, e que pudéssemos marcar o dia, ela se prontificou e disse que poderíamos conversar aquele dia mesmo.

Nossa conversa foi livre, não fiz roteiro, ela falou que sempre teve Loas nos casamentos, que ela aprendeu ouvindo os outros falarem, perdeu sua mãe aos seis anos de idade, de primeiro os mais velhos não ensinava nada para ninguém, era as pessoas que tinham o interesse e ia prestando atenção até aprender.

Hoje as crianças e jovens não tem tanto interesse em aprender com as experiências dos mais velhos, disse saber muita coisa da cultura que quer repassar para os mais jovens, porque não quer morrer e levar esses conhecimentos com ela, que alguns jovens quando ela vai falar alguma coisa, dizem que ela é do tempo do epá, que ela não sabe o que é o epá, mas é assim que é chamada, no final da nossa conversa ela falou algumas Loas, ela falou que sabe muitas Loas, mas no momento não conseguiu se lembrar ela disse que nas festas é mais fácil lembrar, na própria dinâmica de falar Loas vai despertando as lembranças, enquanto um fala outro vai lembrando.

No texto as palavras

Epá: antigo, ultrapassado, desatualizado.

De primeiro: antigamente.

Alzira Gonçalves Macedo

No dia 20 de abril de 2015 fui à casa de dona Alzira Gonçalves de Macedo, conhecida por Zilá para falar sobre Loas. Zila contou que aprendeu falar Loas ouvindo os outros falarem e também vai inventando suas próprias Loas, que ninguém lhe ensinou e que toda vida teve Loas nos casamentos.

Ela destacou a importância deste trabalho para que esta prática não se perca que devemos incentivar os jovens a falar Loas.

Sr. Adelino, Itacarambzinho

No dia 12 de abril de 2015 tive uma conversa com seu Adelino Nunes de Macedo de 71 anos, aldeia Itacarambzinho

Marcamos essa conversa com antecedência, no dia marcado não foi possível, por que o mesmo estava com problemas na garganta, remarcamos nossa conversa para o dia 12 de abril de 2015.

Seu Adelino é bem conhecido na aldeia é um grande conhecedor da ciência xakriabá é benzedor, rezador e folião de reis.

Não fiz roteiro apenas pedir para ele falar um pouco sobre as Loas, ele falou que sempre teve Loas nos casamentos, mas que houve umas mudanças nas falas de Loas, de primeiro as Loas falavam de coisa acontecidas, os fatos reais era transformados em Loas, que não era inventado como é hoje.

Sr. Adelino afirmou que é muito importante esse trabalho sobre Loas, por que hoje em dias o jovem não valoriza a sabedoria dos mais velhos, se envolve com as modernidades e deixa as coisas que vem desde os antepassados, vão deixando acabar.

Seu Adelino disse que só ensina as coisas se a pessoa for na casa dele procurar, se tiver o interesse de saber ele ensina que ele não vai em reunião ensinar o que ele sabe, porque as pessoas não dão muita atenção, e também deixa claro que tem muitos segredos que não pode ser escrito, mas que deve ser guardado, não pode escrever, pois a partir do momento que escreve todos vão saber o que esta escrito é de todo mundo, esse material pode cair em mãos erradas e que tem as pessoas que pode esta preparada para saber, segundo ele ninguém deve ensinar tudo o que sabe.

Naquela época até a discussões eram em forma de Loas, as pessoas sutacava as outras, é muito importante que se faça estes momentos, estes trabalhos que mostre aos jovens a grande importância de se falar Loas, de guardar essa tradição, que um dia os jovens vão precisar que estão envolvidos só com as tecnologias e os velhos vão faltar e os jovens não terá onde buscar essas ciências.

Sr. Hilário, Barreiro Preto

No dia 15 de janeiro de 2015 conversei com o Sr. Hilário Correa franco sobre Loas, morador da aldeia barreiro preto tem 53 anos jogador de Loas.

Loas significa versos né, uns fala talvez poemas, né. A loa traga um sentido de falar algo rimado né, rima, Loas, versos, mais ou menos por ai, mas nos adotou mesmo foi essa palavra Loa ,mas uns falam ,fala lá uma aloa, mas na verdade é loa ou Loas né, inclusive de tanto falar essa forma, eu não diria uma cultura, mas uma tradição virou tradição aqui no povo xakriabá, mas eu diria que isso se tornou algo importante aqui no povo xakriabá, mas eu diria que isso se tornou algo importante né pra nos porque é o momento que a gente tem de alegrá né, alegre os momentos festivos principalmente os casamentos.

Eu posso dizer em comparação ele aqui (seu sogro Zé do Rolo outro entrevistado que estava do lado) que sou uma das pessoas mais novas, que também pegou alguma coisa né, dessa tradição dos mais velhos de falar Loas, por que mesmo que a gente as veis ta num local, num casamento, que não é, que as veis a gente nem ta a fim de falar alguma coisa, mas aparece alguém, óh! Alguém tem que falar aqui a Loa, e muita das veis reserva a cabeceira da mesa, que pode se falado em qualquer ponto da mesa, mas há o lugar de preferência, as cabicera da mesa, tem que no mínimo iniciar né, essa loa.

Às vezes as pessoas escolhe também uma forma de falar dirigindo aqueles nomes das pessoas que contraiu o matrimônio, o casamento geralmente tenta falar também um pouco né, se não fala nomes, fala noivo, noiva, os pais da noiva, padrinhos parentes, amigos, ETC.

E de tanto falar de Loas, é que os, é que nos tamo aqui xakriabá falando de resgate da cultura, preservação da cultura e de tanto falá nisso acabó que a gente ganhô um projeto eu chama ponto de cultura que a gente escreveu esse projeto a associação indígena xakriabá aldeia barreiro preto escreveu esse projeto junto com o pessoal, Nicolau que era o presidente da associação depois Joel cordenador do ponto de cultura e deu o nome de, o ponto de cultura que foi criado nesse projeto de projeto xakriabá Loas que deu o nome inclusive criou até um studio né, que tamem chama Studio maracá, projeto Loas então é mais ou menos esse o sentido da palavra loa.

E eu acho que é interessante muita gente que vem de fora e não conhece esse costume fica gostano e pede até se tiver oportunidade para levar também para momentos lá fora é que é difícil aparecer um lugar que tem esse costume de falar Loas de alegrar esses momentos festivos que é a festa de casamento aqui no povo xakriabá.

Aprender um pouco também escritos que a gente via de outras autoria, não lembro nomes, mas à gente cria vários complementos à gente aprende também com alguém que já tem o costume de falar e eu que já tenho 53 anos já achei a pessoas falano, já participava das festas de casamentos e ouvindo os mais vei falano Loas, então acaba que a gente achando interessante e de certa forma participando ai se torna uma tradição, como já falei até convite para ir no casamento especial para falar Loas né.

Eu lembro de uma que é bastante pedida né porque quando se trata de contrair matrimonio, casamento, a gente tem o costume de dizer que o casamento começa daí, num é o dia que casou, num é que já realizou o casamento o casamento começa a se realizar a partir do casamento, então é uma loa que as pessoas gostam muito de ouvir que é o abc da família que ta falando também do próprio casal, nem só de todas as famílias em se, mas primeiro do casal que recebe tipo uma orientação para sua vivencia,começando desde o batismo.

Sr. José de Sousa Freire, aldeia Barreiro Preto

No dia 15 de janeiro de 2015 tive uma conversa com o senhor José de Sousa Freire na aldeia Barreiro Preto, ele tem 74 anos e é conhecido como Zé do Rolo, rezador folião de reis e jogador de Loas, nossa conversa foi marcada com antecedência.

Intão a gente vai falar um pouco da loa, Como foi começado o sentido da Loa, a loa é uma história que a pessoa conta por inxempé que é convidado para u'a festa de casamento e ali quer dizer que a gente vai fazer uma saudação aquela festa, aquele noivado, aquelas pessoas que ali se encontra e ai quer dizer que daí por diante, intão a gente vai começar aqui como tiver na festa, como se tivesse na festa de casamento.

(neste momento ele falou algumas Loas que estão escritas e se encontra também em áudio).

Jogar loa isso é antigo, cada um tem um modo, mas a loa é uma coisa assim de onde a gente viu falar a história da loa do casamento, cada um tem uma história a contar, uns de um jeito outro de outro jeito mas toda vida existiu as Loas, qui a gente tudo é passageiro e cada um tem uma história.

Sr. Pedro Pereira da Mota, aldeia Dizimeiro

No dia 28 de junho de 2015, estive na casa do Sr. Pedro Pereira da Mota, aldeia Dizimeiro para uma conversa sobre Loas, nossa conversa não teve um roteiro eu pedir para ele falar um pouco sobre Loas, nossa conversa foi marcada com antecedência.

Assim ai a gente as vezes o pessoal chama a gente, quando a gente vai numa festa, quando o pessoal da oportunidade pá gente a gente fala, quando num dá, mas é uma tradição mesmo aqui do noivado da roça sempre tem, tem que ter uma festinha, umas Loas, ai o pessoal chama ainda mesmo que o noivado é simples, o casamento o pessoal acha que é bom ter loa depois da refeição, agradecimento também, é importante porque a chegada à recepção tem que ter as Loas, fica bem sem graça se não tiver as Loas, o pessoal senta pra jantar, na hora de levantar da mesa tem que ter Loas, já é tradição mesmo dos mais velhos, intão a gente não pode deixar acabar, tem que dar continuidade.

A gente foi ouvindo as pessoas falar ai, via o pessoal falando ia entrando na memória da gente, as vezes de noite a gente perdia o sono, e fica, vai acumulando aquilo ali, perdia o sono ia amontando aquele quebra cabeça e cada vez que você joga uma loa, um joga outro joga, ai vai lembrando, só que assim ninguém grava de ninguém não, as minhas mesmo num é gravada de

ninguém , a gente mesmo que vai inventano, vai que cê grava loa de ota pessoa ,ai cê chega num lugá que ela tá jogano ai cê num pode jogá.

Meu irmão joga loa ai nem eu gravo as dele nem ele grava as minhas, porque se se for uma festa nois dois ai ele fala primeiro ai eu vou fica sem fala, ai cada um tem a sua. A coisa mais difiço é encontrar loa, cada um tem a sua, seu Zé lá no barreiro joga, Hiláro joga, cada um tem a sua loa, que aquilo já é tirado da cabeça da gente, se a gente for gravar loa de ota pessoa, dependendo do lugá que chega e ocê encontrarem ele, ai o ele o ocê vai ficar sem fala, ai é sem graça.

Perguntei seu Pedro se as Loas é falada só nos casamentos ele respondeu o seguinte:

Assim se pedir, as minhas mermo eu gosto de fala mais nos casamentos, por que é mais um agradecimento, se quiser fala um oto dia, um oto momento um oto lugá pode fala, mas o normal mermo é no casamento, agora já tem o verso o cocô esse nogoço assim, verso mermo eu nem sei jogá, os mininos lá imbaxo mermo quando nos tava acampado lá, mas eu não sei jogá verso, eu num dou conta de jogá já a loa eu monto, mas a loa num é montada assim rapidim, a loa é tipo u, a musga mermo, cê vai fazeno, leva um tema, depois aquele tema num rima, cê tem que tirá ele fora, depois cê vem com oto até cê ir acompanhando o rima da loa, porque o bunito da loa é o rima se não rima não fica muito bunito não.

Perguntei se a juventude tem se interessado em falar Loas.

É, procurar a gente assim mermo para ensiná,nunca procurou não mas tem muita gente

Nova ai que joga loa já, só que a loa cê tem que jogá, cê tem que ir esforçando, cada veis uma loa que cê joga cê vai aprendeno ota, e se ocê joga uma veis só tamem cê esquece, cê tem que ta sempre jogano, aprefeiçoano cada veis mais. Tem muita gente nova que é bom pá jogá loa tamem, num é muita coisa, assim, mas ele joga tamem, joga bastante, Soraia mermo é boa pá jogá loa e ela começou agora, tem umas duas Loas bunita mermo, assim bem... bem contada a historia mesmo.

A expressão gravar é mesmo que: decorar, copiar

Sr. Dario Fernandes Ribeiro, aldeia Barreiro Preto

No dia 10 de julho de 2015 estive na casa de seu Dário Fernandes Ribeiro 67 anos falador de Loas, eu fui falar com ele para marcar um dia para gente conversar, mas ele se dispôs a falar no mesmo momento.

Sou Dário Fernandes Ribeiro, tenho 67 anos, eu num alembro quando cumecei fala as Loas, pois eu tin, a vergonha de falá ai cumecei a falá, falá que os oto fala num dá certu é pur que muitha coisa num dá certu né, intao a gente tem que pensa na cabeça da gente uma coisa que pode dá certu, tem que ser loa da gente mermo, a loa num é iscrito é tirado da cabeça da gente mermo, a loa num é escrito a gente pode até marcar pá num esquecer, mas num é iscrito não. As vez a pessoa pensa um verso, marca no papel pá num esquecer até formar a loa.

Sempre teve Loas, toda vida teve de condo eu cunheço e vejo faládes do tempo de meu pai sortero, mãe falava que ele gostava de jogá loa e assim vem des dos antigos, cultura dos antigos, e a gente num pode apruveitha nem os versos dus antigos pur que era diferente o jeitho deles fala Loas, intao nem esses versos antigos a gente pode apruveithá.

Célia Xakriabá, aldeia Barreiro Preto

No dia 14 de setembro de 2015 tive uma conversa com Célia xakriabá da aldeia barreiro preto, jovem ativista no movimento indígena foi aluna do curso de formação intercultural de professores indígena (FIED), da turma de Ciências Sociais e Humanidade (CSH) atuava como professora de cultura e atualmente esta na secretaria de educação do estado lutando pelas causa indígena da educação de minas gerais e é jogadora de Loas, marcamos varias vezes essa conversa, mas teve imprevisto e não foi possível nas outras vezes que marcamos depois ela se mudou para Belo Horizonte e durante o módulo do curso e setembro conseguimos ter esta conversa sobre Loas.

Sou Célia xakriabá, fui professora de cultura sempre militei no movimento indígena.

Me perguntou quando comecei falar loa, eu comecei, a minha primeira loa eu falei eu tinha 13 anos, vou confessar minha idade hoje tenho 26 anos, então já faz um tempo assim, ai eu lembro que aos 13 anos eu falei minha primeira Loa numa festa de casamento do noivos lá no xakriabá.

E assim todo mundo me perguntando por que manifestou essa vontade de falar a loa, na verdade eu sou neta Dé de Sousa, conhecido como zé do rolo e sou filha de hilário e ai na família nossa tem muito essa descendência e ascendência também de falar Loas, mas é bem interessante porque no povo Xakriabá por um todo percebe muito essa entoação rimada, até nos próprios alunos aqui da UFMG que tudo acaba virando verso, e o verso pro povo xakriabá é uma forma bem interessante de escrever e expressar o sentimento que mesmo quando nos tamos nesse processo acadêmico escrevendo texto vira e mexe a gente depara com alguns amigos fazendo rima.

Mas é importante observar também que essas rimas não são consideradas exatamente uma loa, porque quando conversava com cê, há pouco tempo atrás que há uma variação muito grande, por exemplo, o jeito de vô José falar à loa que é um jeito, uma linguagem própria mais antiga do xakriabá e a gente percebe essa transformação na linguagem na entonação do verso, e ai percebemos também algumas Loas, por exemplo, do pessoa da embaúba que é muito característico do mesmo jeito que vô fala, mas ai que pai também já faz um pouco essa transição e é bem semelhante o jeito de vô falar loa, o jeito dele pronunciar a loa xakriabá que é um processo bem interessante da linguagem e trazendo aqui pra nos a gente vê essa transformação a gente tem algumas semelhança, mas a entoação já é também essa influência desse aportuguesado também que é um português bem xakriabá, mas que a loa xakriabá é uma forma de oralidade muito forte e muito presente, também ela caracteriza um pouco nessa festa de casamento que sempre é jogada as Loas xakriabá, e é como assim se tivesse um duelo também, onde as pessoas falam e as outras se tem essa obrigação de responder.

É bem interessante faz parte da cultura do povo xakriabá e hoje a gente vê que alguns jovens também se reapropriaram dessa forma também que é uma forma de saudação aos noivos, em todas as festas de casamento é um ritual também do casamento na terra indígena xakriabá, as Loas, mas por outro lado também a gente vê que sem a presença dos mais velhos, certas aldeias isso tá se perdendo, é uma preocupação muito grande porque sempre isso fez parte da cultura do povo xakriabá nessa reapropriação cultural passou a fazer parte do contexto e é muito conhecido pelo povo xakriabá porque se reapropriaram e que hoje a gente vê que alguns jovens, por exemplo, não tem isso na ponta da língua, e que essa cultura alguns não vai repassando nem reproduzindo ela, somente alguns jovens tem interesse, acho que esse trabalho bem interessante porque assim como lá no ponto, a loa lá na casa de cultura eu fiquei curiosa por que eles colocaram Loas e realmente tinha essa ideia mesmo já com esse nome na verdade tem um significado dessas Loas que são jogadas nas mesas de noivos que são as Loas xakriabá.

Ai quando eu perguntei pro meu avô o que significa Loas ele me falo, não, loa é um jeito de saldar os noivos. Eu perguntei como ele aprendeu, ai ele falou assim ,que é bem interessante que ele nunca escreveu isso pra aprender, tudo ele aprendeu na forma de oralidade, e tudo que ele ensina também ele gosta que a gente aprenda na forma de oralidade, dificilmente ele fala assim escreve aqui ,algumas outras coisas que ele ensina pra nos ele pede para escrever, mas a questão dessa rima , a loa ele disse que aprendeu tudo assim gravando na cabeça e é dessa forma que é o jeito mais dinâmico de aprender a loa xakriabá.

E ai dano continuidade foi bem interessante porque pra falar a primeira vez é muito difícil, falar a loa assim num publico grande, mas uma coisa que eu percebi ao longo do tempo

assim que essa forma entoada diversificada de falar a loa ela tira a timidez da gente também, porque é uma entoação que a gente reapropria dela e ai ninguém vão saber falar melhor do que aquilo que a gente, por que têm muitas Loas que são ditas e reproduzida àquela mesma Loa existem outras pessoas que reformulam na hora e eu sou desse tipo, que eu formulo na hora ou reformulo dum jeito próprio meu então eu não copio a loa falada por vô, por exemplo, eu não reproduzo a loa falada por vô, eu reproduzo uma própria linguagem minha, é bem interessante pensar, por que eu falava numa festa de casamento na outra eu ficava com medo de falar, depois eu ia falando ne uma, falando ne outra, ai começou falando assim e foi bem interessante porque ne alguns casamentos quando nem pai nem vô tava, porque eles são referencias ai o pessoal começou me colocar de frente, eu achava aquilo tão engraçado e ao mesmo tempo uma responsabilidade muito grande, por que ai eu sentia assim num lugar como se eu tivesse dando continuidade e de fato dando continuidade.

E ai eu vinha com pai de moto d cidade a uma sacola que tava seguro na mão, porque eu tava tão pensando que eu tava formulando uma loa naquela hora, no outro dia tinha um casamento, que meu pensamento tomou conta que eu não dava conta do domínio do movimento da mão ai a mim perder as coisas que eu vinha trazendo, [risos] chegou em casa mãe tudo, mas é importante observar como o pensamento é muito forte é como se o movimento ficasse voltado e introduzido por pensamento da gente, porque ai automaticamente quando eu chegasse em casa eu não ia escrever, então fico falando varias vez no meu pensamento pra que eu possa dar conta de aprender nessa forma de oralidade, eu gosta muito da oralidade, e ai eu falava num casamento, a pessoa falava ah aquela que você falou foi boa, na outra fala essa ai, só que eu num dava conta por que cada vez pra mim era uma diferente, eu reformulo uo um pouco antes ou se não eu dou continuidade na hora.

Então muitas das coisas que eu falei em alguns casamentos lá no xakriabá, eu não consigo ter domínio para repetir ela de novo, então sempre vai surgindo coisas novas.

São duas características, por que existem as Loas que igual eu falei que elas são reproduzidas, ai tem da bicharada que vô conta, tem o pessoal da embaúba conta, mas às vezes aquele tipo de loa varia pessoas falam e existem aquelas pessoas que produzem na hora que eu acho muito interessante também porque é o movimento do pensamento e é muito rápido, então eu acho que esse movimento esse exercício da oralidade é muito bom pro pensamento da gente , mas ele exige uma concentração muito grande ,eu ia reformulando assim na hora ,nem sei se foi exatamente esse compasso que eu falei mas foi mais ou menos esse sentido, então eu pego algumas coisas da realidade que ta e por exemplo eu não sei se dou conta de lembrar, uma que eu

lembro de uma parte de uma que eu falei a pouco tempo ,acho que mês de março deste ano. Que eu falava assim [foi jogada a loa]

Então acontecendo, eu tento trazer a juventude também em algumas formas de brincadeiras, tinha uma que eu lembro que eu fiz um exercício também de pensar um pouco a tecnologia de que forma a gente pode reapropriar ela de que forma a gente usar a loa xakriabá nesse contexto.

Uma assim que me ajudou muito exercitar meu pensamento e através da loa xakriabá é isso que vou falar, não é exatamente uma loa, mas é um exercício assim que eu consigo gravar na oralidade e que eu não tenho nenhum desse material escrito por isso que eu tenho dificuldade de relembrar ela na mesma estrutura que eu reformulei, eu falo assim: [foi falada a Loa].